

ENERGIA DA CANA

UMA ESTRATÉGIA NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

PLINIO M. NASTARI

Presidente da DATAGRO

UM PROGRAMA de energia renovável em larga escala como existe no Brasil há quarenta anos só se mantém estável com políticas públicas previsíveis. Desde 1975, a produção do setor sucroenergético evoluiu de 7,1 milhões de toneladas de açúcares totais recuperáveis (ATR) para 88,7 milhões em 2015. Neste período, o Brasil passou a representar 35,3% da produção de cana do mundo, 58,7% dela convertida em etanol e 41,3% em açúcar. Com apenas 27,4% da cana convertidos em açúcar de exportação, o Brasil representa quase 50% das exportações mundiais e, por isso, é considerado o maior fundamento deste mercado. Em etanol, o Brasil responde por 19% das exportações.

Embora seja impressionante a escala de produção e consumo, não se pode atribuí-la a políticas públicas coerentes, e sim ao esforço empreendedor e à expectativa de empresários e instituições de financiamento, públicas e privadas, de que esta atividade seria competitiva e rentável no médio e no longo prazos.

Na verdade, chama a atenção a fragilidade da condição com que se estabelece a competitividade do etanol. É surpreendente o fato de que, embora o setor tenha sido liberalizado quase totalmente a partir de 1999, não existe, até hoje, uma regra que impeça que o preço da gasolina seja fixado em desacordo com a sua referência no mercado internacional; ou que a dimensão do diferencial de tributos entre a gasolina e o etanol não corresponda ao valor aproximado das externalidades positivas associadas a este nas áreas ambiental,



social e de promoção do desenvolvimento econômico descentralizado.

Sem a existência de uma regulação que defina com transparência como o etanol irá competir com a gasolina, cujo preço de referência nas refinarias tem sido fixado de forma imprevisível nos últimos cinco anos, a decisão de investimento em expansão da capacidade de moagem torna-se um exercício de alto risco. E, por esse mesmo motivo, compromete-se o valor dos ativos já existentes, que, neste momento, encontram valor abaixo do seu custo de reposição.

Essas incertezas crescem quando vemos o preço do petróleo caindo para patamares abaixo de US\$ 50 por barril e o preço da gasolina atingir US\$ 1,3 a US\$ 1,5 por galão no mercado internacional. No curto prazo, às incertezas sobre o mercado de etanol somam-se os estoques mundiais elevados de açúcar após cinco anos consecutivos de superávit no balanço oferta-demanda mundial. Entre os anos de 2010/11 e 2014/15, o superávit acumulado é estimado, pela DATAGRO, em 31,79 milhões de toneladas de açúcar cru equivalente.

Para a safra 2014/15 (outubro a setembro), a previsão é de um superávit de 3,64 milhões de toneladas de açúcar. A relação estoque/consumo esperada no final de setembro deste ano é de 48,3% e, no final de setembro do ano que vem, de 45,9%, percentagens ainda distantes de uma referência de 41%, que, segundo a nossa avaliação, traria maior confiança ao mercado de açúcar. Para a safra 2015/16, iniciada em outubro, a previsão é de um déficit de 2,57 milhões de toneladas. Portanto, considerando um consumo mundial em torno de 180 milhões de toneladas, seria necessário um déficit adicional equivalente a cerca de 5% a partir de outubro de 2016 para trazer a relação estoque/consumo ao nível desejado de 41%, ou cerca de 9 milhões de toneladas.

Isso não significa que a atividade tenha perdido a sua relevância para o setor de energia ou para

os fundamentos da economia brasileira. O setor tem sido uma das mais sólidas âncoras da balança comercial, com exportações de açúcar e etanol em 2014 que ultrapassaram US\$ 10,1 bilhões, ao que se somam outros US\$ 14,7 bilhões representados pela importação de gasolina evitada. O preço de oportunidade da gasolina importada é até superior a este valor, pois a elevada octanagem do etanol utilizado em mistura no Brasil tem permitido a importação de gasolinas de baixa qualidade, com menor octanagem e menor valor de mercado, exatamente por conta do uso de etanol em larga escala.

O Brasil tem na energia de biomassa, e em especial na cana-de-açúcar, uma oportunidade única de se consolidar como exemplo numa atividade que o mundo civilizado hoje valoriza e busca atingir como alvo de longo prazo – uma oportunidade para criar as condições para que os investimentos já realizados voltem a se viabilizar e sejam capazes de saldar o estoque da dívida acumulada por quase uma década de distorções e medidas equivocadas.

A falta de uma política pública que preserve e permita a expansão em condições econômicas da produção e do consumo de etanol no futuro faz com que estejamos caminhando na direção contrária ao que o mundo desenvolvido concluiu ser uma necessidade e uma meta global. ■

SETOR SUCROALCOOLEIRO ENDIVIDADO

Ainda permanece sem solução o elevado endividamento do setor acumulado nos últimos anos. Entre 2010 e meados de 2014, a política de preços da gasolina e do diesel aplicada pela Petrobras a mando do governo federal não somente ceifou cerca de R\$ 60 bilhões do caixa da empresa, mas trouxe também a maior transferência de renda já vista da cadeia de produção de cana-de-açúcar para o mercado. Durante este período, a defasagem de preço da gasolina foi, em média, de 16%, com pico de 27%, segundo levantamento realizado pela DATAGRO. Esta transferência forçada de renda gerou prejuízo, elevação do endividamento a nível absolutamente comprometedor em uma parte importante do setor, perda do valor dos ativos e forte desestímulo a novos investimentos em capacidade adicional de moagem, que, no futuro, custarão ainda mais ao País na forma de dispêndios evitáveis com a importação de gasolina. Isso tudo ocorre enquanto poderia estar sendo gerado combustível de fonte limpa e renovável e sendo criados emprego e renda localmente.